



Público

23-09-2011

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 46948

Temática: Sociedade

Dimensão: 464

Imagem: S/PB

Página (s): 34

Na sua versão extrema, o racismo tem como consequência o extermínio daqueles que são percebidos como "inferiores"

A percepção hierarquizada da diferença

No dia 22 de Julho, faz hoje dois meses, assisti apreensiva à notícia televisiva que dava conta do duplo atentado na Noruega que, sabemos hoje, vitimou fatalmente 77 seres humanos pelo "crime" de não-partilha das características biológicas e culturais de um norueguês de "gema", Anders Breivik, que personifica um ideal de beleza e um ideal cultural percebido como o estádio mais evoluído da cultura ocidental.

Num mundo cada vez mais globalizado, onde a deslocação de pessoas, pelas mais diversas razões, é cada vez mais intensa, cada ser humano está "condenado" a viver entre diferenças diferentes das tradicionais diferenças internas a cada nação: às tradicionais diferenças de género, de classe, de orientação sexual, regionais, juntaram-se as diferenças de nacionalidade, de cultura, de etnia, de fenótipo, etc., transformando as sociedades, construindo-as como "multiculturais".

Mas partilhar os mesmos espaços geográficos não significa partilhar espaços profissionais e/ou de sociabilidade, potenciadores da transformação das sociedades em sociedades interculturais através da construção de uma relação entre culturas. Viver juntos e partilhar os mesmos espaços de trabalho, de educação escolar e de sociabilidade, implica uma aceitação do Outro. E aceitar o Outro implica conhecê-lo e procurar compreendê-lo à luz do seu próprio sistema classificador e ordenador do mundo. Quando esse conhecimento e compreensão falham, frequentemente assistimos a actos motivados pelo preconceito ou pelo racismo nas suas diversas dimensões.

Há quase duas décadas, Michel Wieviorka reflectia teoricamente sobre o racismo, classificando-o segundo uma lógica "desigualitária" e uma lógica "diferencialista". A primeira, com origem em características fenotípicas, de carácter biológico (cor da pele, dos olhos, etc.), permite a convivência com esse Outro, mas discrimina-o na sua diferença hierarquizada, seja através das palavras, seja através da outorga de postos de trabalho que estruturalmente os coloca (porque classificados como inferiores) nos níveis mais baixos da hierarquia social. A segunda (diferencialista) tem origem nas características culturais do grupo "racizado", segregando-o na sua diferença, expulsando-o dos espaços de sociabilidade e de trabalho ocupados pelo grupo sócio-cultural maioritário. Estas duas lógicas em conjunto constituem o racismo na sua versão mais completa: o outro é classificado como biologicamente inferior e culturalmente indigno de conviver com o grupo sociocultural maioritário.

Na sua versão mais extrema, o racismo tem como consequência o extermínio daqueles que são percebidos como "inferiores" e "indignos", "depurando" a sociedade dita "tradicional", "homogénea", dos elementos que a "contaminam".



Maria José Casa-Nova

Foi a este racismo extremo que assistimos no dia 22 de Julho pelas mãos de Breivik. A percepção hierarquizada da diferença do Outro, construída a partir de padrões de comparabilidade com o grupo de referência (o seu próprio grupo de pertença), baseada num arbitrário cultural (ou seja, em algo não-natural, socialmente construído e, consequentemente, historicamente transformável, mas vivido como imutável) teve como consequência, na mente de Breivik, a necessidade de "descontaminação social".

Se as múltiplas alteridades fossem perspectivadas não como dicotomias cristalizadas e cristalizadoras de uma dada ordem social, potencialmente nocivas e contaminadoras, mas como diferenças-em-relação, mutáveis, complementares entre si e mutuamente enriquecedoras, as diversas esferas dos mundos sociais (públicos e privados) seriam construídas e vividas com a igualdade que a preservação da dignidade humana exige e merece, não havendo lugar para actos desta natureza.

Importa ter presente que a diferença, qualquer diferença, só existe em relação e por comparação e a regularidade consiste em comparar por relação a uma norma em que tudo o que foge a essa norma passa a ser classificado como anormal no sentido negativo e não como algo que difere do que acontece com regularidade. É aqui que reside o problema: nesta anormalidade entendida não como o que difere da norma mas como o que fere a norma, subalternizando ou exterminando todos os outros considerados biológica ou culturalmente "anormais".

E a norma, entendida como universal, o padrão de referência, é a beleza e a cultura ocidentais e os valores subjacentes a esta cultura. Quando o grupo sociocultural maioritário se defronta com o diferente, defronta-se com todo o seu sistema classificador, ordenando a diferença a partir daí. Procura-se "ler" os sistemas classificadores do Outro à luz dos sistemas classificadores próprios, mas considerando estes melhores, falhando assim no conhecimento e compreensão do Outro e tentando a partir daí "domesticar a diferença" ou excluí-la dos espaços de sociabilidade, mesmo quando estes espaços de sociabilidade são espaços de frequência pública. E excluí-los não significa forçosamente expulsá-los desses espaços ou verbalizar estranheza ou repúdio, mas pode significar tão-somente o desenvolvimento no outro de uma sensação de incomodidade na própria diferença, frequentemente através da linguagem corporal, do olhar de estranheza-censura e não de estranheza-admiração ou de estranheza-curiosidade, impondo com esse olhar padrões de estética próprios, sejam estes de ordem física (expressos em padrões de beleza) ou de ordem olfactiva ou de outra ordem qualquer, transformando espaços públicos em espaços privados, apropriáveis apenas por determinados grupos socioculturais.

Todas as culturas constroem categorias para conhecer, classificar e pensar o Outro. Não é aqui que reside



É importante não esquecer isto: a humanidade também é constituída do seu contrário, ou seja, da monstruosidade

o problema. O problema reside na construção de categorias para inferiorizar esse Outro. Quando o Outro interioriza a norma que o inferioriza, acaba por se perceber como inferior, o que leva a que viva efectivamente como insulto o que o Outro, que se pensa

como superior, usa como forma de o inferiorizar.

Esta inferiorização, baseada em estruturas históricas de dominação, tem como seu contrário (e causa) a percepção da superioridade de uma cultura ocidental e de um ideal de beleza que encontra a sua expressão máxima nos países do Norte da Europa, auto e heteropercebidos como os mais "evoluídos" em termos civilizacionais e, logo, como os mais "perfeitos" e dignos de exemplaridade, que Breivik incorporou e corporizou.

Perante horrores como os acontecimentos da Noruega, a tendência do ser humano é para categorizar como "monstros" actores sociais como Anders Breivik, retirando-o assim do domínio da humanidade (ele não é um de "nós"). Mas importa não esquecer que Breivik não é um monstro: é um ser humano como qualquer outro, mas capaz de actos contra a humanidade. É importante não esquecer isto: a humanidade também é constituída do seu contrário, ou seja, da monstruosidade. Esta não existe fora, mas dentro de nós.

Importa ter presente que a liberdade proporcionada pelos regimes democráticos não pode levar a aceitar o preconceito e o racismo, nas suas diversas manifestações (de discriminação, segregação e, em casos extremos, de extermínio). O amadurecimento do sistema democrático passa também pelo exercício de uma vigilância crítica e preventiva de actos desta natureza para que a humanidade, em toda a sua diferença, se possa enriquecer e engrandecer, sustentada em valores de solidariedade e de justiça cultural e social. Para que a parte monstruosa da humanidade não se corporize e mobilize para o extermínio do seu contrário. Instituto de Educação da Universidade do Minho (mjcasanova@ie.uminho.pt)